

Vieira e a possibilidade de um Mundo Novo: Quinto Império como projecto de cidadania do futuro

JOSÉ EDUARDO FRANCO

*(Centro de Literatura de Expressão Portuguesa das Universidades
de Lisboa/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,
área de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona)*

“Se no passado se vê o futuro, e no futuro se vê o passado, segue-se que no passado e no futuro se vê o presente, porque o presente é o futuro do passado, e o mesmo presente é o passado do futuro”.

Padre António Vieira

O Padre António Vieira desenvolveu o sonho de um mundo novo naquela que durante muito tempo foi considerada a parte menor da sua obra: o conjunto dos seus livros proféticos. No entanto, o pensamento profético de Vieira tem sido reabilitado ultimamente na perspectiva do significado da dimensão utópica e das preocupações universalistas e humanizantes que a sua obra encerra. De facto, a utopia de Vieira assume contornos de um universalismo e de um proto-ecumenismo que pretendia responder a problemas que se iriam tornar cada vez mais os problemas que dividiam o mundo dos homens em processo de proto-globalização.

A sua militância missionária ao serviço dos índios e da sua promoção espiritual e humana, a sua crítica ao escravagismo, as suas propostas de reforma social, nomeadamente a reforma da Inquisição e a reivindicação de fim da discriminação oprobriosa entre cristãos-velhos e cristãos-novos, acabam por ganhar sentido pleno no desígnio utópico de Vieira consagrado nas suas obras de especulação teológica. Nestes escritos, Vieira idealizou uma nova era para a humanidade marcada pelos valores da inclusão, do respeito por di-

JOSÉ EDUARDO FRANCO

versas tradições de matriz religiosa e pelas várias identidades culturais, da fraternidade, da concórdia e da reabilitação em Cristo de tudo o que é autenticamente humano. Com efeito, Vieira tornou-se, na sociedade fechada de Seiscentos, um precursor, situando-se na rota dos pensadores que contribuíram para criar uma consciência nova que desembocará mais tarde na proclamação dos direitos humanos e na construção de sociedades assentes no respeito pela liberdade, pela cidadania, pelo direito à diferença.

O seu pensamento utópico começou a ser engendrado no final da década de 40 do século XVII no âmbito do seu empenhamento político-diplomático ao serviço da nova dinastia reinante saída da proclamação da restauração independência de Portugal face a Castela. Aliás, podemos considerar que a sua utopia sofre uma evolução que se explica contextualmente no processo de relação de afecto e desafecto para com o Reino de Portugal e particularmente para com a sua corte.

Vieira, de facto, evolui de uma concepção quinto-imperialista de feição muito mais vinculada ao projecto de reafirmação de Portugal no mundo, portanto, de base ideográfica nacionalizante, para uma ideia muito mais universalista e menos marcada politicamente.

A utopia de Vieira consubstanciada na ideia de Quinto Império¹ insere-se no mar imenso da literatura produzida, com mais intensidade desde o século XVI, para pensar e repensar a identidade portuguesa, através de um processo quadridimensional de mitificação: mitificação das origens do Reino de Portugal, engrandecimento das suas gestas bélicas e das suas viagens marítimas de descobrimento e expansão configurando uma história épica, glorificação da idade de ouro e da nova era da humanidade criada (a era da proto-globalização); e a idealização de um destino grandioso, apoteótico que cumpriria em plenitude a missão atribuída divinamente a Portugal, missão esta sempre avaliada como estando inconclusa.

O Padre António Vieira surge no século XVII, no tempo crucial da restauração da independência de Portugal, como o sucessor qua-

¹ Sobre a evolução da utopia quintoimperialista de Vieira ver o estudo actualizado de SILVANO PELOSO, *Antonio Vieira e l'impero universale: La Clavis Prophetarum e i documenti inquisitoriali*, Viterbo, Sette Città, 2005.

lificado deste escol de pensadores da ideia da nação. É o homem da hora que se destaca com a sua hermenêutica profética e assume a função tecelão da identidade portuguesa recorrendo às possibilidades do imaginário para reforçar, no plano da psicologia colectiva, a consciência de Portugal enquanto comunidade nacional de destino para superar as graves dificuldades do momento presente e levar a cabo a empresa de defesa da nova afirmação de Portugal na Europa e no Mundo.

Em certo sentido, Vieira como grande tecelão da identidade portuguesa, e explorando o seu estatuto de pregador, acaba por operar a síntese da ideia identitária de Portugal elaborada no século anterior, mas direccionando-a agora para a construção mítica da quarta dimensão mitificante da identidade nacional: a visão utópica da missão e da história futura do reino.

As três dimensões estruturantes da identidade nacional portuguesa amplamente mitificadas no século anterior – as origens remotíssimas do reino, as gestas épicas e a idade de ouro que marca a realização da grande missão portuguesa que fica incumprida com a perda da independência em 1580 – são reafirmadas e plasmadas para, precisamente, fazerem brotar a quarta dimensão, a da utopia, a da apoteose da História².

A primeira obra profética que o Padre António Vieira parecer ter planeado escrever primeiramente foi aquela que encimou com o título desconcertante e surpreendente: *História do Futuro*. No entanto o seu primeiro escrito profético a ser realmente concluído foi um opúsculo redigido em forma epistolográfica onde proclamava aquela que deveria ser a grande esperança de Portugal.

Encantado com os resultados do seu processo de expansão missionária no Brasil e conseqüentemente dos domínios do reino lusitano, escreve o célebre texto *Esperanças de Portugal – Quinto Império do Mundo*, que enviou em correspondência para o seu amigo, André Fernandes, bispo eleito do Japão, a 29 de Abril de 1659. Este manuscrito vai dar, poucos anos depois, o grande pretexto ao Tribunal do Santo Ofício para acusá-lo de desvio da ortodoxia católica.

² Cf. JOSÉ EDUARDO FRANCO, *O mito de Portugal: A primeira História de Portugal e a sua junção política*, Lisboa, Roma Editora e FMMVAD, 2000.

JOSÉ EDUARDO FRANCO

Nesse texto, não dando por definitiva a morte do primeiro monarca da restauração portuguesa e reinterpretando à letra as profecias de Bandarra, profetiza a ressurreição de D. João IV para realizar as missões teleológicas que lhe estavam destinadas: derrotar o império otomano, reconquistar Jerusalém para o cristianismo e inaugurar o Quinto Império do Mundo³.

O Padre António Vieira é um dos mais importantes autores que, no século de Seiscentos, tece, ao lado dos sebastianistas ortodoxos e heterodoxos, a ideia de Portugal como “nação superior”. Como bem observa Miguel Real, para sobrecompensar a experiência de perda e incumprimento da fase gloriosa da história portuguesa da época dos Descobrimentos com a anexação a Castela entre 1580 e 1640, prognostica-se uma “nova fase de glória e êxtase”, projectando-se Portugal no futuro “como vanguarda do mundo”.⁴

Na correspondência com aquele referido bispo amigo manifesta o fundamento próximo da sua fé: as Profecias de Bandarra. A autenticidade das quadras proféticas do Sapateiro de Trancoso é reconhecida por Vieira pelo facto de se terem alegadamente verificado as predições que apontavam o ano 40 para a Restauração de Portugal. Se aquelas foram cumpridas, as outras também o deveriam ser de acordo com o seu raciocínio silogístico, mas agora mais fundado na emoção utópica do que na razão realista de Vieira.

Apesar de perseguido pelo “Tribunal da Fé”, também devido às suas cogitações proféticas, aquele que tinha consagrado a sua vida a propagar o Evangelho aos índios do Brasil, continua cada vez mais convicto da sua utopia. Aproveita algumas melhoras da sua saúde para se dedicar, no ano de 1664, ano em que lhe morre a mãe, ao desenvolvimento da obra que deixará inacabada: a *História do Futuro*. Deste projecto de tratado apenas redigiu o “Livro Antepri-meiro”, isto é, uma espécie de grande introdução ao que devia ser a explanação longa sobre o que iria ser o futuro do Mundo. Amando a sua pátria até à raiz do coração e do pensamento, sonha, e tenta

³ PADRE ANTÓNIO VIEIRA, “Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo”, in *Obras Escolhidas do Padre António Vieira*, Lisboa, Sá da Costa, 1952, pp. 1-66; e JOSÉ EDUARDO FRANCO, *Teologia e Utopia em Padre António Vieira*, Separata da sua carta *Lusitana Sacra*, Lisboa, 1999.

⁴ MIGUEL REAL, *A morte de Portugal*, Porto, Campo das Letras, 2007, p. 81 e ss.

prová-lo com argumentos eruditos, pesquisados em autores cristãos e não cristãos da tradição profética antiga e moderna, que Portugal seria o líder da instauração do Quinto Império.

A utopia do Quinto Império encerrava uma expectativa de instauração de uma idade messiânica de paz, justiça e santidade. Seria uma era de mil anos, como profetizava o Apocalipse, inaugurada pelo último império da História que sucederia aos Quatro grandes impérios anteriores de acordo com a interpretação da profecia patente no segundo capítulo do Livro de Daniel deduzida do sonho da estátua composta de vários materiais. A partir deste sonho explicado por Daniel, a exegese cristã tradicional, da qual Vieira é herdeiro, o pregador interpreta a história com base na sucessão de quatro grandes impérios, a saber, como escreve na *História do Futuro*: "A cabeça de ouro significava o Império dos Assírios, em que Nabucodonosor naquele tempo reinava; e o princípio de todos os impérios, por isso estava representado na cabeça, que é o princípio do corpo, e no ouro, que é o primeiro entre todos os metais. A prata, que é o segundo metal, significa o Império dos Persas, que foi o segundo depois dos Assírios, e que se seguiu a eles, assim como o peito e braços se seguem à cabeça. O bronze, que é o terceiro metal, significava o Império dos Gregos, que foi o terceiro depois dos Persas e se seguiu depois deles, assim como o ventre se segue depois do peito. O ferro, finalmente, que é o quarto metal, significava o Império dos Romanos, que foi e é o quarto Império, que se sucedeu aos três primeiros, e assim como as pernas e pés são a última parte do corpo humano (...)"⁵ Então surgiria, na sequência desta sucessão de impérios terrenos, um quinto império, de carácter divino: "O Reino dos Santos do Altíssimo", de acordo com Daniel. Aqui está o fundamento bíblico basilar da teoria do Quinto Império que mobilizou as melhores energias e qualidades do génio do Padre António Vieira: a elaboração de uma obra profética que concedia a Portugal o privilégio da eleição para a realização desta profecia que adviria do processo já iniciado nos dois séculos anteriores pelos Descobrimentos e que deveria agora ser

⁵ Cf. PADRE ANTÓNIO VIEIRA, *História do Futuro*, Intr. e notas por Maria Leonor C. Buescu, 2.^a ed., Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992, p. 252 e ss.

JOSÉ EDUARDO FRANCO

concluído em plenitude: universalizar o Cristianismo⁶. Este era o sentido da existência história de Portugal enquanto reino e enquanto povo protegido pelos céus e constituído matricialmente por Deus, para ser *Lux Mundi* (“Luz do Mundo”). Defendeu este estatuto de reino fundador do Quinto Império para o seu país concorrendo e disputando argumentativamente esta prerrogativa contra outros reinos da cristandade, nomeadamente Espanha, que advogava também para si esta eleição divina.

Mas a obra profética mais importante de Vieira é a *Chave dos Profetas*. Com o título mais extenso *Clavis Prophetarum verum eorum sensum aperiens ad rectam Regni Christi in Terris Consumati intelligentium assequendam* esta obra foi concebida pelo autor na década de 60 do século XVII e começada a escrever na sequência do cumprimento da sentença da sua reclusão ditada pelo Tribunal do Santo Ofício nas casas da Companhia de Jesus no final daquela mesma década. Todavia, depois de muitas vicissitudes, a sua redacção final apenas foi avançada à beira do epílogo da sua vida na Quinta do Tanque da Baía⁷.

Este livro coroa o conjunto da obra profética de Vieira. A literatura utópica vieriana, que foi, na verdade, sonhada genesiacamente desde os primeiros tempos do empenhamento missionário e político do autor ao serviço da Igreja e da nação portuguesa, sofreu várias metamorfoses. A *Clavis* é, sem dúvida, o *opus magnum* de Vieira e a obra da sua maturidade. É a obra da decantação das desilusões e da depuração das marcas nacionalizantes que vincavam os textos deste género que a antecederam, em particular as *Esperanças de Portugal*, *Quinto Império do Mundo*, e a *História do Futuro*.

Na *Chave dos Profetas*, a utopia quinto-imperialista espraia-se como todo o seu sentido e abrangência universalista, depurada dos contornos político-nacionalizantes de marca lusitanista que dava a Portugal o lugar de liderança na temporal implantação da idade mile-

⁶ Cf. PEDRO CALAFATE, *Portugal como problema (Séculos XVII-XVIII): Da obscuridade profética à evidência geométrica*, Lisboa, Fundação Luso-Americana e Público, 2006, p. 61 e ss.

⁷ PADRE ANTÓNIO VIEIRA, *Clavis Prophetarum Clavis Prophetarum verum eorum sensum aperiens ad rectam Regni Christi in Terris Consumati intelligentium assequendam*, Opus postum, ac desideratissimum a Collegio Bahiensi, 1699. Ms. do IANTT, *Conselho Geral do Santo Ofício*, n.º 22.

nar de plenificação do tempo⁸. Tal depuração explica-se em boa parte devido aos desenganos experimentados por Vieira em relação ao Reino de Portugal e às suas instituições políticas e religiosas; mormente devido à atitude da corte afonsina e petrina e da Inquisição que o desconsideraram e o perseguiram a partir da década de 60. Lamentou este desprezo depois de duas décadas de empenhamento pela afirmação da independência e pela recuperação do lugar de liderança de Portugal na cartografia política das nações europeias, quer pela palavra e pela escrita, quer pela acção diplomática. Por seu lado, a experiência missionária, que encheu em pleno as últimas décadas da sua vida no Brasil, desligou-o das questões políticas do Reino e recentraram-no mais nas preocupações evangélicas e eclesiológicas. De facto, na *Clavis* Vieira como que se espiritualiza e se liberta (melhor, sublinha) dos afectos nacionais e temporais para dar extensão mundial ao seu projecto missionário desenvolvido nos sertões brasileiros⁹.

Vieira desenha agora uma utopia de pendor eclesiológico, de uma Igreja que abarca a humanidade num abraço de amor e ao mesmo tempo se deixa abraçar por esta em atitude de acolhimento e de amorização: é a cidade de Deus agostiniana concretizada na Igreja e a transbordar no mundo. Escreve Vieira: “Com efeito, pode a Igreja ser iluminada sem que o mundo participe da mesma luz. Mas, ao mesmo tempo em que finalmente se der a plenitude desta luz, então de tal modo a magnitude da Igreja será igual à do próprio mundo que haverá reciprocidade do mundo com a Igreja e da Igreja com o mundo”¹⁰. Devendo também alguns traços à inspiração joaquimita mais na forma e na sentido da expectativa do que no conteúdo teológico fundamental, Vieira concebe não uma idade paraclética, mas uma idade cristológica de consumação na História.

Apesar de ter permanecido manuscrita, a *Clavis Prophetarum* acabou por obter parecer positivo da dupla avaliação inquisitorial a que foi sujeita, pela censura da Inquisição Roma e da Inquisição Portuguesa, tanto mais que esta obra encerra uma preocupação da confirmação da esperança de glorificação plena da Igreja, que seja, de

⁸ Cf. PADRE ANTÓNIO VIEIRA, *Clavis Prophetarum. A Chave dos Profetas*, Livro III, Tradução e edição crítica de Arnaldo Espírito Santo, Lisboa, BN, 2000.

⁹ Ver SILVANO PELOSO, *op. cit.*, Viterbo, Sette Città, 2005.

JOSÉ EDUARDO FRANCO

facto, triunfante *hic et nunc* numa realização teândrica enquanto encarnação visível e plena do corpo místico de Cristo.

Do manuscrito original, que se pensa não ter chegado até nós, foram feitas várias cópias, das quais hoje se conhecem a existência de 14 dispersas por Bibliotecas europeias e americanas. Esta obra, que foi relegada para a subterraneidade do olvido à semelhança dos outros escritos proféticos de Vieira, tem merecido ultimamente a atenção de filólogos, de especialistas das ciências literárias e historiadores, nomeadamente em Portugal, no Brasil e em Itália. Cumpre-nos destacar que tem sido estudada em pormenor por António Lopes e que começou já a ser editada com aparato crítico por Arnaldo Espírito Santo concretizando um projecto acalentado por Margarida Vieira Mendes¹¹.

A *Chave dos Profetas*, produto excelente de um pensador português da tardo-escolástica, é uma obra teleológica que trata da destinação última da história do homem, do mundo e da sua consumação. O autor socorre-se de um conjunto impressionante de autoridades e de obras antigas, medievais e modernas para retirar elementos, provas, profecias, ilações, confirmações ou para debater e refutar argumentos e teses, a fim de tudo acomodar à configuração de uma utopia eclesiológica de fundamento cristológico. Está bem patente nesta configuração utópica católica a inspiração modeladora da espiritualidade inaciana e da sua obra fundamente, os *Exercícios Espirituais*, que têm como uma das componentes basilares a meditação em torno do Reino de Cristo e da sua consumação na sociedade dos homens. Não há dúvida, a chave de todas as chaves que abre a porta da história para a plenitude é Cristo.

Esta obra está organizada em três livros. O Primeiro trata da natureza do futuro do Reino de Cristo concretizado na Terra, que estaria prefigurado, desde os tempos primigénios, na Criação do Mundo relatada no Génesis, nos Patriarcas bíblicos, passando pelos profetas canónicos, deutro-canónicos e para-bíblicos. Este reino concebido e como que gerado pneumatologicamente ao longo da histó-

¹⁰ PADRE ANTÓNIO VIEIRA, *Clavis Prophetarum*, op. cit., Livro III, p. 723.

108 | ¹¹ Cf. MARGARIDA VIEIRA MENDES, “Chave dos Profetas: a edição em curso”, in Margarida Vieira Mendes et alii, *Vieira escritor*, Lisboa, Cosmos, 1997, pp. 31-39.

ria veterotestamentária dá à luz e começa a ser efectivamente materializado com a Nova Aliança celebrada no acto redentor de Cristo.

A realização plena deste reino é abordada no Livro Segundo da *Clavis*: a plenificação da história humana e as suas características, nomeadamente a paz messiânica sonhada pelos grandes profetas. E o Livro Terceiro trata da operacionalização do processo de consumação do Reinado de Cristo no mundo, que será levado a cabo através de uma efectiva e eficaz pregação universal e total, assistida por Cristo em espírito e por uma especial graça sua (que agirá espiritualmente entre os homens antes da sua última vinda não para redimir, como na primeira, nem para julgar como na última, mas para reformar). Esta pregação assistida divinamente completará com esplendor o trabalho evangelizador dos missionários cristãos; globalizará o cristianismo, operará a *nova criação* paulina e inaugurará então a plenitude dos tempos sobre a Terra e uma idade intermédia que antecederá a Parusia.

A concretização desta idade em forma de império é justificada pela razão da necessidade: “É necessário, e de uma necessidade absoluta, que todos os homens em geral venham a conhecer a Deus e a crer em Cristo, no tempo do Novo Testamento e da Lei da Graça (...); não, porém, em todo o tempo e estado da Igreja, como o que no presente vivemos, mas num outro mais feliz e mais perfeito, que um dia, sem dúvida, há-de vir”¹². Este império sustentado espiritualmente pela fé em Cristo será ordenado materialmente por uma forma temporal que terá como cabeça o Papa, um *alter Christus*, na qualidade de vigário de Cristo na Terra. A temporalidade deste império não visa, porém, o domínio e a subjugação ao modo das relações jurídicas de vassalagem típicas das formais imperiais passadas, mas destina-se tão-só a promover e a garantir a “piedade e zelo da glória de Deus”. A esfera temporal deste império é subsidiária da espera espiritual e encontra-se ao serviço desta a título meramente instrumental de forma a dar eficácia ao processo de consumação universal e conferir permanência no tempo. Esta utopia cristã vieiriana comporta uma percursora perspectiva ecuménica e inculturacionista no seu desejo de incluir todos os povos, culturas e até as suas tradições religiosas, nomeadamente os Judeus, os ameríndios e os negros.

¹² PADRE ANTÓNIO VIEIRA, *Clavis Prophetarum*, op. cit., Livro III, p. 583.

JOSÉ EDUARDO FRANCO

António Vieira aceita a possibilidade, em nome da inclusão de todos sem resistência, de serem continuadas práticas rituais de pendor religioso de outros sistemas de crença, particularmente as judaicas, desde que transfiguradas e redireccionadas pelo sentido central da fé em Cristo.

O pensamento teleológico de Vieira – que assenta na interpretação quinto-imperialista, como vimos, da profecia do sonho Daniel (cap. 2) e da profecia milenarista do Apocalipse (cap. 20), que são potenciadas de modo a terem uma realização concreta na terra na linha do profetismo quiliástico – configurou uma utopia bem moderna pela sua universalidade e bem generosa pelo seu *desideratum* de inclusão e não de exclusão.

O significado providencial dado à gesta dos Descobrimentos e da missão planetária, que abriu a possibilidade da realização efectiva do mandato profético-evangélico do baptismo global da humanidade, encontra nesta utopia a esperança operacionalizada da sua materialização na potenciação da plenitude da Igreja como Corpo de Cristo envolvendo o mundo em graça santificante. Ao mesmo tempo, esta utopia e o seu desejo de fraternidade e pacificação universal têm na base a percepção dramática dos conflitos fracturantes que dividiam a velha cristandade europeias e corriam o risco de universalizar-se gravemente, como o problema das guerras de religião e da exploração do homem pelo homem com o comércio próspero do esclavagismo que o autor conhecia bem¹³.

CONCLUSÕES

A UTOPIA DE VIEIRA COMO PROPOSTA DE CIDADANIA DO FUTURO

O horizonte onírico desta utopia reflecte este fito de reconciliação universal e a esperança do convívio são e pacífico dos homens entre si. Como bem compreendeu o estudioso Raymond Cantel, a utopia mundialista de Vieira transportava preocupações que ocupa-

¹³ Sobre esta problemática ver o estudo de FERNANDO CRISTÓVÃO, “O Padre António Vieira e a Escravatura dos Negros”, in Fernando Cristóvão, *Cruzeiro do Sul, A Norte: Estudos Luso-Brasileiros*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005, pp. 317-331.

ram amplamente os homens do século XX, especialmente a resolução dos conflitos mundiais, e foi precursor e arquitecto da necessidade de implantar uma ordem mundial que contemporaneamente tem sido materializada no projecto das Nações Unidas¹⁴. A solução de Vieira para os problemas do mundo não passava, porém, tanto pela criação de mais uma instituição, mas sim pela instituição do amor de Cristo, do poder salvífico de Cristo, que deveria transfigurar todas as instituições, o *modus vivendi* e as mundividências dos homens, potenciando-os para um sentido e uma plenitude maior, sem modificar as suas formas exteriores. Devido a esta profunda visão de um progresso ascendente da história em direcção à cosmicização do cristianismo e da transfiguração dos tempos em Cristo pelo influxo da graça crística, chamou Margarida Vieira Mendes, ao Padre António Vieira, um Teilhard Chardin *avant la lettre*.¹⁵

Devido ao poder da sua palavra enquanto criador de utopia, de transformação do real, de que a sua vida, nas telas várias das suas contradições, procurou ser de algum modo uma tentativa de concretização, Vieira ficou imortalizado na memória histórica, aquele que, no dizer lapidar de Aníbal Pinto de Castro, “converteu-se num verdadeiro símbolo do seu tempo”.¹⁶ O tempo era o do barroco e o da sociedade dos contrastes, aliás, como sempre são em maior ou menor grau todas as sociedades dos homens. Vale a pena recordar o quadro social feito pelo biógrafo citado de Vieira na sua obra, publicada pelos Correios, intitulada *António Vieira: Uma síntese do barroco luso-brasileiro*: “Vivia a sociedade portuguesa dessa mesma época num permanente conflito entre a autoridade e a liberdade, a contenção e a exuberância, o pecado e a graça; conflito de indivíduos, de classes, de consciências, de interesses e de credos”.¹⁷

Vieira procurou responder às contradições do seu tempo com a palavra utópica que, de algum modo, semeia, não só nos escritos

¹⁴ RAYMOND CANTEL, *Prophétisme et Messianisme dans l'Oeuvre de Antonio Vieira*, Paris, Ed. Hispano-Americanas, 1963.

¹⁵ Ver o estudo de referência da estudiosa de Vieira: MARGARIDA VIEIRA MENDES, *A Oratória Barroca de Vieira*, Lisboa, Caminho, 2003.

¹⁶ ANÍBAL PINTO DE CASTRO, *António Vieira, uma síntese do barroco luso-brasileiro*, Lisboa, Correios, 1997, p. 201.

¹⁷ *Ibidem*, pp. 201-202.

JOSÉ EDUARDO FRANCO

proféticos, mas também em muitos dos seus sermões, cartas e projectos práticos de reforma do país. Quis, com a sua vida, forçar a chegada do Quinto Império, que até ao fim acreditou ser possível realizar na terra. Mas, apesar de ser padre, o autor da tentativa de fazer a *História do Futuro* e da sua nova cartografia não cede às tentações do clericalismo. O Quinto Império faz pensar, *ante litteram*, numa federação universal de povos, numa Sociedade das Nações, na qual cada um sabe renunciar a uma parcela de soberania nacional, em favor do bem geral. Um dos seus mais luminosos estudiosos franceses, Raymond Cantel, interpretou, nos anos sessenta do século XX, como ninguém até então o pensamento utópico de Vieira: Pensando à escala mundial, Vieira, sentiu o cansaço dos homens perante a guerra. Foi um daqueles que, no seu tempo, teve a capacidade de sentir a necessidade imperiosa dos povos se unirem, de tenderem para objectivos comuns de forma a se construir a harmonia universal. Idealizou um projecto para que os homens obtivessem mais felicidade na terra, mas não pensou que a pudessem alcançar dispensando-se do céu.¹⁸

A problemática da instituição sólida e eficaz de uma autoridade mundial pacificadora e produtora de consensos, não tem sido uma das grandes labutas dos homens do nosso tempo actual? A exigência e procura dessa autoridade universal para oferecer e regular as soluções de paz e de reconciliação entre os homens e estabelecer os caminhos da solidariedade tem sido uma das labutas políticas dos séculos XX e XXI, as quais foram, de algum modo, corporizadas, apesar das inúmeras contradições da burocracia dos interesses, na Organização das Nações Unidas (ONU). E não será esta uma das grandes exigências, ainda muito situada actualmente no domínio da utopia, do século XXI e do milénio que começamos a viver.¹⁹

O estudioso francês citado, Raymond Cantel, considerou de facto a ideia de Quinto Império, especialmente na linha traçada por Vieira, como a prefiguração, o sonho *avant la lettre*, deste projecto que, hoje em dia, não é só pertença de um ou dois sonhadores, mas é uma exigência que reúne muitos consensos em termos internacio-

¹⁸ Cf. RAYMOND CANTEL, "Vieira e a filosofia política do Quinto Império", in *Tempo Presente*, Nos. 17-18, 1960, pp. 22-27.

¹⁹ Cf. *Ibidem*.

nais. Esse Quinto Império, *nome simbólico de todas as aspirações de unidade, de paz e comunhão entre os homens*, só poderá ser fundado por um novo tipo de homem que supere efectivamente o *homo mechanicus*. Este homem criado pela era industrial, corre o risco de se tornar hegemónico na era da informática que emerge triunfante contra todas as resistências, e que o Padre Manuel Antunes, um dos grandes pensadores humanistas do século XX português, bem caracteriza: "O *homo mechanicus* é um *homo dynossauricus*. Multiforme e disforme quase como os seres de certa espécie animal aparecida e desaparecida durante a era secundária. Gigantesco e liliputiano, maciço e alongado, duro e dúctil, compacto e plástico, entre réptil e ave, ora armado de dentes e de grifos, ora de bicos e picos, o *homo mechanicus* provoca a expansão da mudança mas sem lograr ajustar-se-lhe; produz novos objectos, sempre novos objectos, mas sem, por vezes, saber bem para quê; cria novas aspirações, novos desejos, novas necessidades para, finalmente, os não satisfazer, pelo menos em larguíssimas camadas da população; procura a segurança nos seus órgãos de ataque e de defesa para, no cabo de contas, ficar exposto à extinção da espécie e da própria vida; vai multiplicando prodigiosamente os meios, mas está longe de os proporcionar aos fins, construindo, ao mesmo tempo, os explosivos desses mesmos meios; preocupa-se com o ritmo, cada vez mais rápido, da evolução, mas não cura bastante de saber em que sentido".²⁰

Um homem deste tipo nunca poderá realizar a proposta de transformação da humanidade que o Quinto Império simboliza, isto é, a urgência da efectiva humanização do mundo. Só um novo tipo de homem que, nos anos 70 do século XX, Manuel Antunes, cujas ideias avançadas fazem deste jesuíta um Vieira dos nossos dias, designava como o *homo misericor* – o homem movido pela centralidade do coração, "do coração tido como o símbolo e o órgão central da afectividade".²¹ Pois é, segundo este autor, pela misericórdia (do latim *mise-ricordia*, isto é, movimento do coração –

²⁰ PADRE MANUEL ANTUNES, *Paideia: Educação e Sociedade*, Tomo II: Obra Completa do Padre Manuel Antunes, Coordenação Científica de José Eduardo Franco, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005, p. 87.

²¹ *Ibidem*.

JOSÉ EDUARDO FRANCO

"constelação formada pela ternura, a bondade, a paciência, a longanimidade, a indulgência"), que a face desumana da terra pode mudar.

O Quinto Império não é mais, no dizer de outro grande estudioso de Vieira, António Lopes, o sonho de "amorização do mundo"²².

De facto, o avançado pensamento utópico de Vieira poderia ser, no dizer certo de Aníbal Pinto de Castro, uma espécie de "manual de cidadania do futuro"²³ de grande validade para os seus contemporâneos e ainda para nós, homens do século XXI, preocupados com a afirmação de uma cidadania para todos assente no respeito pela diferença, pela pluralidade das identidades culturais e das crenças religiosas como caminho para a paz.

²² Cf. ANTÓNIO LOPES, *Vieira, o encoberto: 74 anos de evolução da sua Utopia*, Cascais, Principia, 1999, p. 183 e ss.

²³ ANÍBAL PINTO DE CASTRO, *Op. cit.*, p. 226.